

À G.:D.:G.:A.:D.: U.:

A.:R.:L.:S.: UNIÃO, HARMONIA E FRATERNIDADE

S.:

F.:

U.:

V.:M.:

DD.: Ilr.: 1º e 2º VVIG.:

AAm.: Ilr.:

**Trabalho sobre Nome Histórico do Ir.: “David
Canabarro”**

20/07/09 E.: V.:

David Canabarro



Canabarro, um dos nomes mais expressivos da história rio-grandense, nasceu David José Martins, no dia 22 de agosto de 1796, na localidade de Pinheiros, município de Taquari, distante 94 quilômetros da Capital. Descendente de açorianos, era filho do porto-alegrense José Martins Coelho e da catarinense Mariana Inácia de Jesus, neto pelo lado paterno de José Martins Faleiros e Jacinta Rosa, naturais da Ilha Terceira, e pelo lado materno, de Manuel Teodósio Ferreira e Perpétua de Jesus.

Quando ainda na adolescência, aos 15 anos, deveria seguir o irmão mais velho, Silvério, já então com 18 anos na campanha de 1811-1812 - contra [Artigas](#). Entretanto, seu irmão era auxiliar precioso do pai nas lides campeiras, iria fazer muita falta. E Davi, reconhecendo o fato, solicitou ao pai licença para seguir em lugar do irmão. Patriota como todo estancieiro do Rio Grande do Sul daqueles tempos, José Martins Coelho não vacilou, e se apresentou às forças do nobre Dom Diogo de Sousa, conde de Rio Pardo. Terminada a campanha, promovido a alferes, regressa ao lar, mas em seguida volta para combater Artigas (1816/1820).

Cessada a guerra, volta ao lar, à vida do campo, mas desta vez associado ao tio Antônio Ferreira Canabarro, na estância fronteiriça de Santana do Livramento. Tornou-se aí, por insistência do tio, David Canabarro.

Anos mais tarde vemo-lo tenente das forças de Bento Gonçalves da Silva na Guerra da Cisplatina de 1825-1828, que culminou com o tratado de paz de agosto de 1828 e a independência do Uruguai. Lá, teve papel preponderante na batalha de Rincón de las Gallinas, salvando o exército brasileiro de completo desbarato (24 de Setembro de 1825), o que lhe valeu os galões de tenente efetivo do Exército Nacional. Na 21ª Brigada de Cavalaria Ligeira comandada por Bento Gonçalves da Silva, ainda na Guerra da Cisplatina, assistiu à indecisa batalha do Passo do Rosário, *obrando prodígios de valor e de audácia*.

A partir daí, lutou em todas as guerras das quais participou o governo imperial brasileiro. Ingressou na Revolução Farroupilha em 1836. Comandou a fundação da República Juliana, em 1839, após a tomada de Laguna, em Santa Catarina. Teve apoio decisivo do revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi.

A revolução, que originalmente não tinha caráter separatista, influenciou movimentos que ocorreram em outras províncias brasileiras: irradiando influência para a Revolução Liberal que viria a ocorrer em São Paulo em 1842 e para a Revolta denominada [Sabinada](#) na Bahia em 1837, ambas de ideologia do Partido Liberal da época, moldado nas Lojas Maçônicas. Inspirou-se na recém-finda guerra de independência do Uruguai, mantendo conexões com a nova república do Rio da Prata, além de províncias independentes argentinas, como Corrientes e Santa Fé. Chegou a expandir-se à costa brasileira, em Laguna, com a proclamação da República Juliana e ao planalto catarinense de Lages. Teve como líderes: Bento Gonçalves, General Neto, Onofre Pires, Lucas de Oliveira, Vicente da Fontoura, Pedro Boticário, Davi Canabarro, Vicente Ferrer de Almeida, José Mariano de Mattos, além de receber inspiração ideológica de italianos carbonários refugiados, como o cientista Tito Lívio Zambeccari e o jornalista Luigi Rossetti, além de Giuseppe Garibaldi, que embora não pertencesse a carbonária, esteve envolvido em movimentos republicanos na Itália. A questão da abolição da escravatura também esteve envolvida, organizando-se exércitos contando com homens negros que aspiravam a liberdade.



[Guilherme Litran](#), *Carga de cavalaria Farroupilha*, acervo do [Museu Júlio de Castilhos](#)

Na Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos, Canabarro inicialmente conservou-se indiferente aos acontecimentos políticos. Tendo a ela se juntado tardiamente. Rapidamente galgou postos, assumiu o comando em junho de 1843, quando o antigo chefe, Bento Gonçalves da Silva, para evitar a cisão entre os republicanos, desligou-se do comando e passou a servir sob as ordens do próprio Canabarro.

Assumiu o comando-em-chefe das forças farroupilhas, tendo recusado apreender a espada de Bento Gonçalves. Atacado, difamado, caluniado, Bento Gonçalves, que já tudo havia abandonado, menos a República Rio-Grandense, passando a presidência a José Gomes de Vasconcelos Jardim e a chefia suprema das forças ao General David Canabarro, teve que bater-se em duelo com seu companheiro das primeiras horas, Coronel Onofre Pires da Silveira Canto. Foi, para ele, um ato doloroso, mas não o podia evitar. Onofre, grande guerreiro, mas inculto, deixou-se seduzir por inimigos de Bento Gonçalves e começou a criticá-lo violentamente, chegando às mais infames calúnias. Bento

Gonçalves revidou e tiveram que bater-se. Onofre, ferido, morreu dias depois em consequência de gangrena. Acusado de assassino e violador das leis, apresentou-se a David Canabarro, chefe supremo das forças, da República Rio-Grandense, e lhe contou o sucedido, entregando-se prisioneiro.

- "É realmente grave, muito grave" - respondera Canabarro. Mas, quando o chefe farroupilha de 1835 ia tirar a espada da cinta para a entregar a Canabarro, este lhe diz:

- "General. Para sustentar a espada de Bento Gonçalves, só conheço um homem - Bento Gonçalves da Silva". E o conservou em sua barraca, até o final da revolução, como seu primeiro auxiliar, chefe de seu Estado Maior, logo que a grita cessou.

Enquanto as negociações prosseguiram, Canabarro recebeu uma proposta de Juan Manuel de Rosas, governante argentino, que pretendia ampliar a fronteiras de seu país. Em troca da colaboração farroupilha, ele receberia ajuda argentina para continuar a batalha contra o império. Canabarro respondeu através de carta, onde afirmava sua fidelidade ao país, mesmo que este fosse monarquista e ele republicano. Ficou na história sua resposta para que reunissem as forças contra o Império do Brasil: **"Senhor - o primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a paz com os imperiais. Acima de nosso amor à República está nosso brio de brasileiros. Quisemos, ontem, a separação de nossa pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousarem invadir nosso país, encontrarão, ombro a ombro os republicanos de Piratini e os monarquistas do senhor D. Pedro II".**



Trecho do quadro [A batalha dos Farrapos](#), de [Wasth Rodrigues](#) - Lenço decorado usado pelos Farroupilhas. Acervo do Museu Júlio de Castilhos

Passou a negociar a anistia diretamente com o general Luis Alves de Lima e Silva, então Barão de Caxias, a serviço do Império.

Como chefe dos revoltosos, aceitou a anistia oferecida pelo governo em 18 de dezembro de 1844, através do já então Duque de Caxias, chamado *O pacificador*.

Encerradas as negociações em 25 de fevereiro de 1845, ficou estabelecido que os republicanos indicariam o próximo presidente da província, o governo imperial responderia pela dívida pública do governo republicano, os oficiais do exército rebelde que desejassem passariam ao exército imperial com os mesmos postos e os prisioneiros farroupilhas seriam anistiados.

Após a anistia, ainda participou das Campanhas contra Oribe e Rosas e da Guerra do Paraguai .

Em Santana do Livramento, na fronteira-oeste do Estado, a 500 quilômetros da Capital, foi a cidade que David Canabarro escolheu para viver a partir dos 32 anos de idade.

Foi morar com o tio Antônio Ferreira Canabarro na estância São Gregório, em Livramento. Ali começou a criar gado. E foi no interior desse município, na fazenda do capitão Antônio Mendes de Oliveira, que o general morreu, em 12 de abril de 1867, aos 70 anos, vítima de tétano, sendo sepultado ao lado dos irmãos João e Silvério.

Hoje, sua vida em memória é homenageada pelos moradores de Santana do Livramento, onde construiu-se um memorial na Praça General Osório, no centro de Livramento, para receber os restos mortais de Canabarro.



Monumento Praça Gal. Osório - Alegoria Farroupilha, guache do século XIX. Acervo do [Museu Júlio de Castilhos](#)

Depois de 1840, o predomínio militar farroupilha decaiu, acentuando-se as vitórias imperiais, a partir de 1843, com o comando de Caxias, até se chegar à paz final, a 28 de fevereiro de 1845. Mostrando entender que a Revolução Farroupilha não fora uma guerra de celerados, mas, sim, a luta idealista pelas liberdades locais, o governo imperial, além da anistia, do reconhecimento das patentes militares --- com exceção dos dois líderes do movimento ---- e do encampamento das dívidas dos republicanos, admitiu que o presidente da província seria indicado por eles e aprovado pelo governo central, tendo a

escolha recaído sobre o próprio pacificador, Caxias, também maçom dos mais ilustres, que pertencia, na época, ao Grande Oriente Brasileiro do Passeio e que viria, posteriormente, a ser Grão-Mestre de Honra do Grande Oriente do Brasil, título que lhe foi dado depois dele ali ingressar, em 1854.

Além dos principais chefes do movimento, os maçons Bento Gonçalves -- que pertenceu à Loja "Filantropia e Liberdade", fundada em 1831 --- e Davi Canabarro --- iniciado a 14 de novembro de 1841, na vila de Alegrete --- os farroupilhas tiveram, ao seu lado, outros dois grandes maçons e carbonários: Tito Lívio de Zambecari e Giuseppe Garibaldi --- iniciado em 1836, na Loja "Asilo da Virtude" --- tendo, este último, se sobressaído nos combates de 1838 a 1841, especialmente no comando da esquadilha naval que ajudou Canabarro a tomar Laguna. Garibaldi, posteriormente, seria um dos líderes da campanha de unificação da Itália.

A.Am.: Ilr.::

Falar de David Canabarro é trazer para nossas vidas um pouco do espírito guerreiro e idealista deste homem que em sua trajetória, nos deixou um exemplo de vitória e amor a nossa Pátria.

Falar da Pátria é também recordar o movimento armado de 1835, no Rio Grande do Sul, na cognominada "Revolução Farroupilha", que desejava implantar a República, sob a inspiração dos maçons de quilate de um Bento Gonçalves, de um Garibaldi, o herói de dois mundos, de Canabarro e muitos outros. "Os farrapos legendários que se bateram temerariamente durante um longo decênio, sacrificando haveres opulentos, vida, bem estar da família, afrontando provações de toda espécie, para nos legarem a tradição mais brilhantemente republicana e orgânica que a história da nossa Pátria assinala nas suas páginas edificantes e soberbas, não foram um bando e caudilhos a correrias, sem fortuna, sem ideal e sem valor". Foram autênticos cidadãos da Pátria...

E falar destes também nos leva a refletir nos deveres para com nosso País e o ideal de sociedade justa e perfeita, para qual trabalhamos.

Este espelho de nossa história, levamos à máxima do sentido de nosso ideal: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Ilr.: David Canabarro

Bibliografia:

David Canabarro – De Tenente a General. - Autor: Ivo Caggiani - Editora: Martins Livreiro Editor – 1992

H. Canabarro Reichardt ("David Canabarro - Estudo biográfico ", Edição do Centenário Farroupilha, Papelaria Velho, Rio de Janeiro, 1934),

Origem: Material recolhido do livro Construtores do Rio Grande, autoria de Walter Spalding. Livraria Sulina Editora, 1969.

Publicado por Roberto Cohen em 29/05/2001.

Editado por Roberto Cohen em 20/11/2003.

Do livro "A Maçonaria e sua Política Secreta"

Traço Editora - S. Paulo - 1981

Morivalde Calvet Fagundes - Os Maçons: Vida e Obra – Pag. 198 -199.

SANT'ANA, Elma, "Bento e Garibaldi na Revolução Farroupilha", Caderno de História, nº 18, Memorial do Rio Grande do Sul. Edição Eletrônica.

() Com reportagem publicada originalmente no jornal Extra Classe, em março de 2008.*

Representações na cultura

Davi Canabarro já foi retratado como personagem no cinema e na televisão, interpretado por [Milton Mattos](#) no filme "[Netto Perde Sua Alma](#)" (2001), [Oscar Simch](#) na minissérie "[A Casa das Sete Mulheres](#)" (2003),